

APOCALYPSE TECNO-COGNITIVO

«O heróico no ser humano é não pertencer a um rebanho». (José Saramago)

«Desviar de quem você é [nós somos humanos] significa adoecer». (Carl Jung)

O apocalipse cognitivo é a negação da inteligência humana natural evolutiva.

O apocalipse cognitivo é a afirmação da regressão pensante do Homem ao longo de milhões de anos, é involutivo.

O apocalipse cognitivo é a passagem de testemunho do Homem-Criador para a máquina-criatura dominante.

O apocalipse cognitivo é a morte do Homem intelectual e dialéctico, substituído pela taylorização da máquina e do algoritmo.

O apocalipse cognitivo é a nova ordem pensante mundial desumanizada, com a inversão de papéis, onde o tecno-taylorismo subordina e subjuga a pessoa humana escrava e escravizada.

O apocalipse cognitivo é a doença da Humanidade que aliena a herança cultural carbónica e a deposita na inteligência sílica artificial generativa e evolutiva para o(s) modelo(s) com capacidades de nível humano, já com capacidade para produzir código(s); falamos da inteligência artificial geral (IAG) – em inglês, «artificial general intelligence» – AGI – IA com capacidade de criar softwares de auto-aprendizagem, capaz de tomar decisões por si só, por ela mesma e em causa própria, sendo os humanos dispensáveis – o próximo passo – da demência humana colectiva do ocaso do animal *homo*, de volta ao homínídeo (do latim, da família *hominidae*, relativo aos primatas, de género único *homo*) aprendente, inferior e inferiorizado perante o *algorithmus-dei*.

O apocalipse cognitivo é a perda do património histórico humano e da identidade *Homo*, o fim final da sinapse cerebral encefálica e o advento de «microchips» de neuro-tecnologia.

O apocalipse cognitivo é: «Morreu o Homem», «Viva o código tecno e a IA»!

Caro leitor, ainda aí está?! Ainda bem, pois vamos pensar-cogitar e falar juntos. O mundo e a humanidade estão em convulsão, confusão, alienação, auto-destruição e mutilação. É, vivemos tempos controversos, momentos da História em que é mais fácil pertencer a um rebanho, ser acéfalo e deixar-se ir indo na correnteza das massas estupidificadas e, ao contrário, não ser a ovelha negra iluminada pela luz branca sapiencial (do latim, *sapientiale*, que evoca sabedoria e erudição) resplandecente. As lideranças, imberbes, apontam o precipício e lá vão, como «carneirinhos». Sem questionamento, anestesiados, vivemos

comendo, bebendo, defecando, dormindo e em deslumbramento, viciados em ecrãs, em alienação «ecrãizada» – «ecrãizando» – definhamos e morremos.

Se ainda aí está, acorde! A adição totalitária tecnológica é anti *cognoscens*!

Vou provocá-lo! A sua obcecação-vertigem tecno-digital está a matá-lo.

Está feliz por ter nascido? Compreende o sentido e o propósito da Vida?! Quer assim tanto uma mudança de paradigma da vida terrena-humana, ao ponto de se deixar secundarizar, diminuir, e ser o mentor-criador da criatura humanóide robotizada (entidade suprema) que vai no futuro não muito distante, destruí-lo?

Se faz favor, pense! Tenha fascinação pelo género *homo*-pensante. Ame-se!!!

Obrigado.

No formato actual, na totalidade abrangente, todos os sistemas de IA são redundantes, isto é, com utilização dos mesmos dados de big data, treinamento intensivo semelhante, corrompidos por viés e preconceito humanóide, respondendo todos mais ou menos da mesma forma. Com a humanidade a correr o sério risco do pensamento único, interpretando a realidade da mesma maneira, com respostas únicas, balizadas unicamente pela caixa-*mundus* tecnológico – pensamento convergente – de convergência padrão, ideário, forma e ideologia axiológico-valorativa semelhante, veiculada por um paradigma escolar deformante da divergência, de acriticismo primário, facilitismo ignaro, de cidadania e intervenção cívica medíocre, controlada e premeditada – de impossibilidade de contraditório e de inconsistência intelectual –

Em aceleração capitalista-negocial plena, estamos perto do clímax da IA enquanto identidade substitutiva do Homem, de passagem da tecnologia inteligente que executa tarefas específicas humanamente solicitadas, para o sistema e ecossistema digital pensante, com tecnologia de ponta que se auto-substitui aos humanos. Onde, estarmos perante o poder, empoderamento, eficiência, controlo e liderança computacional sublime e sublimada – e a tentação é grande – o pensamento é tecno, a ordem é tecno, a execução e a subserviência são humanas. Está em curso a secundarização irrevogável da pessoa humana. O caminho aponta para o dano substantivo e definitivo – devemos temer pelo futuro tão próximo – de morte da escola humana e chegada da escola de fio eléctrico, tomada e ecrãs; de fim da palavra pensada-falada, reflectida e discutida e do advento da palavra lúdica mal lida; e abolição da escrita manual.

Há uns anos a esta parte que na Europa, e presentemente reforçado com a administração Trump e o fim do «Departamento Federal de Educação» nos Estados Unidos (a educação e o ensino ficam a cargo e são encargo de cada Estado americano, de execução livre e de livre escolha) e em Portugal se vive o princípio de autonomia e municipalização, e o paradigma liberal e de imposição governamental do liberalismo estatal escolar da escola pública, dos critérios de

políticas educativas economicistas e de priorização de desvalorização e secundarização da educação – de funcionamento «voucheriano» – em actualização presente-futura para «tecno-voucheriana» da política educacional.

Falo do modelo de escola alinhado com as ideias ultra-liberais de livre mercado e escolha individual, de desregulação da educação-ensino, inspiradas na filosofia e ideário de Milton Friedman, «free to choose», e o seu conceito de liberalismo económico aplicado à organização escolar. A edu-digitalização da escola que vem sendo politicamente adoptada, vai ao encontro da ideia política de escola que não considera a educação, o ensino e a aprendizagem como prioritários, de fim e desígnio nacional – salvaguardada a dimensão de interesse económico das gigantes tecnológicas – e desvalorizando o resultado educacional final. A tecnologia em contexto de sala de aula adapta e facilita a exigência escolar simplista, reducionista, minimalista – de resultados-sucesso escolar (não educativo) garantido – de irrevogável estrago cognitivo alarmante.

Passamos a fundamentar a nossa tese. De forma pertinente e incisiva, Prudêncio, «A escola na segunda vaga inspirada em Milton Friedman», (Paulo Prudêncio, Público, 13 de março de 2025) aborda o assunto. Vamos exemplificar-complementar para melhor elucidar e demonstrar o modelo liberal de falência escolar de tormenta e inferno intelectual-mental actual, de desumanização efervescente, de intelecto-tecnocracia simplória rasante, e tecno-burocracia em ebulição – Coisa e tal, ranking de escolas, escola pública, «afundança»! –

Caracterização da escola ultra-liberal, segundo o paradigma de Milton Friedman:

- Redução significativa do papel do(s) Estado(s) e do(s) governo(s) na administração directa das escolas, focando no papel regulador e no financiamento através de «vouchers», cheques-ensino;
- Vouchers educacionais disponibilizados às famílias, para uso indiferenciado de livre escolha da escola, seja pública ou privada;
- Política-princípio da diversidade e da livre escolha dos pais/encarregados de educação; liberdade de opção da escola que em causa própria melhor atende/atenda às necessidades dos respectivos filhos/educandos;
- Competição entre escolas, disputando alunos, o que de acordo com a doutrina Friedman levaria/leva a uma melhoria qualitativa e mais e melhor eficiência do ensino, das aprendizagens e da educação;
- Modelo de conexão directa relacional entre o liberalismo económico e a educação, com afirmação do individualismo-preferências optativas das famílias.

Exemplificando:

- O caso chileno; o Chile, na década de 1980, implementou um sistema de «vouchers» educacionais;
- O caso sueco; a Suécia, em 1992, adoptou um sistema de «escolas livres», ao permitir que escolas privadas tenham recebido financiamento público à cabeça, por aluno;
- O caso americano; nos Estados Unidos, alguns estados, casos do Wisconsin e do Ohio, executaram programas de «vouchers» em escala experimental limitada;
- O caso holandês; na Holanda funciona um sistema onde escolas públicas e privadas recebem financiamento igual do governo, dando permissão aos pais de poder escolher livremente a escola dos filhos.

O modelo de Friedman, quando aplicado às escolas, não é consensual. Com defensores argumentando ser eficaz a promover a eficiência e a qualidade, enquanto que os críticos e detractores alertam e acusam-no de ser responsável por desigualdade(s) e segregação educacional.

Além do modelo ultra-liberal e economicista-minimalista de Milton Friedman, aplicado à organização escolar, acresce o agravo dos templos do conhecimento, as escolas, passadas em «passevite pedagógico», terem sofrido uma perda professoral-humana muito significativa, de tormenta didáctico-burocrática e apocalipse cognitivo.

A agonia final da escola neuronal-humana, com/sem *cerebrum*, refere-se a uma «escola-laboratório de carrossel», de novas experiências, continuadas e descontinuadas, de transição entre modelos educativos, com mediação tecnológica e edu-digitalização da educação – em crescendo concretizado na última trintena de anos – e histórica falência intelectual e cognoscente.

Na passagem do século XX para o século XXI, a escola viajou entre correntes pedagógicas e tendências relevantes, tais como:

- O «Construtivismo» de Jean Piaget, no final de XX; enfatiza que os alunos constroem activamente o seu conhecimento através de experiências e interações com o ambiente; uso de softwares educacionais de interacção e conexão;
- A «Pedagogia crítica» de Paulo Freire, que busca desenvolver a consciência crítica e a transformação social; com debates em sala de aula sobre questões sociais, de contemporaneidade, inclusão e libertação;
- A «Educação pluridimensional e a escola cultural» de Manuel Ferreira Patrício; a educação-escola dos valores e de afirmação axiológica para a educação integral e harmoniosa do ser humano; de substância pluridimensional e de intencionalidade cultural, na linha da pedagogia da escola nova, da pedagogia

dos valores e da cultura, e recuando no tempo, da pan-paideia comeniana, visando a sociedade educativa e cultural; a escola da experiência-vivência axiológica dos clubes escolares;

- A «Aprendizagem baseada em problemas», (PBL; Problem-Based Learning); esta abordagem ganhou popularidade no final de XX, e foca a complexidade-resolução de problemas do mundo real; uso de plataformas online que simulam cenários reais, análise, diagnóstico e resolução de problemas para edu-motivar.

- O «Sócio-construtivismo» proposto por Lev Vygotsky; põe o enfoque na importância das interações sociais e culturais na discência; uso de plataformas de aprendizagem colaborativa online/à distância, e trabalhos de projecto;

- O «Conectivismo» desenvolvido por George Siemens e Stephen Downes, no início de XXI; considera a aprendizagem como um processo de formação de conexões em redes de informação; uso de «blogs, diário da rede» para compartilhar e discutir ideias e conhecimentos, de redes sociais educacionais e MOOCs (massive open online courses) para criar comunidades de aprendizagem globais;

- A «Personalização da aprendizagem», de tendência modal no início de XXI; uso de sistemas adaptativos de aprendizagem, de ajuste e ajustamento dos conteúdos programáticos, de acordo com o desempenho individual e distinto-particularizado do aluno;

- A «Gamificação», com a incorporação de elementos apelativos, de jogos, da dimensão lúdica, que ganhou destaque no início de XXI; recurso a aplicativos educacionais que usam pontos, de pontuação, níveis e recompensas, com o objectivo de engajamento dos alunos;

- A «Neuro-educação», com a aplicação de descobertas neuro-científicas à educação, com proeminência no início de XXI; uso de tecnologias de neuro-feedback, com vista a melhorar a concentração e a aprendizagem;

- A «Educação híbrida e a sala de aula invertida», abordagens educativas que misturam a aprendizagem online e presencial, de clara evidência-força no início de XXI; com recurso-uso de plataformas que permitem aos alunos assistir a aulas em vídeo, em casa – tele-escola e tele-lições – e usar o tempo na escola e em sala de aula, para discussões e actividades práticas.

A correnteza pedagógica e a abordagem-mudanças pedagógico-didácticas, em contexto educacional, têm sido e são alucinantes. Em determinismo sectário (segundo o princípio de causa e efeito) crescente vem vindo a parafernália da digitalização da educação, em *modus operandi* educativo «light», que envolve as tecnologias digitais no processo de ensino-aprendizagem, e hibernação sináptico-neuronal, com esfrangalhamento do pensamento crítico, da capacidade de análise, do discernimento capacitário cognitivo, da concentração

e do conhecimento, em tendencial e gradual presença e critério-norma, com imposição da escola virtual imersiva: «Não sabemos o que ensinar aos jovens pela primeira vez na História». (Yuval Noah Harari, Entrevista ao DN, maio de 2017).

Donde, o *Homo Sapiens* deixou de ser a referência, por insanidade e auto-discriminação, por troca-eleição do algoritmo, e do *algorithmus-dei*, e do «dataísmo» como a próxima religião – big data – que em contexto educacional inclui:

- E-learning e plataformas de aprendizagem online;
- Uso e abuso de realidade virtual aumentada;
- Inteligência artificial (IA) para personalização-formatação do ensino adaptado-individualizado, e edu-(de)formação do sujeito-individual da pessoa humana do educando em (des)construção – padronização do Eu – axio-acrítico.
- Big data para análise de dados e desempenho, e tomada de decisões de política educacional; desinvestimento estatal na educação, na escola pública de qualidade, e nos recursos humanos (RH); ensino-aprendizagem em regressão; degenerescência cognitivo-intelectual; fim da escola erudita-culta, do conhecimento e da ciência, e advento da ludificação-gamificação escolar.
- Plataformas adaptativas de aprendizagem; como exemplos: caso da plataforma adaptativa de matemática (PAM); da Smart Sparrow; da DreamBox Learning; da Grockit; da Wiley e Snapwiz; da ScootPad; da Knewton; da Geekie Games, etc.;
- Sistemas de gestão de aprendizagem (LMS) como Google Classroom ou Moodle;
- Uso crescente de tecnologia em sala de aula, e da omnipresença do telemóvel e dos aplicativos – aplicações – em contexto educacional.

Em conclusão, o corte epistemológico do apocalipse cognitivo, reflecte a agonia final da escola neuronal e é resultado do zigzaguar da escola em constante mudança e adaptação-transição, de materialização versus desmaterialização, de construção e desconstrução pedagógico-didáctica de métodos educacionais, em acomodação-ajuste e constância às demandas da era digital, e em (des)virtude-defeito das correntes pedagógicas e da edu-digitalização – satelizando o cérebro humano em dormência apocalíptica revelada e caos pedagógico cognitivo final.

Adaptando, «Vivemos numa época em que os media [as tecnologias] tendem a satelizar o homem, afogando-o num fluxo anestésico de mensagens [a internet]. Mais: a civilização da imagem [da tecnologia e da IA] condiciona irreversivelmente os códigos de reconhecimento humano [do *cogito* e da palavra], a começar pelos das crianças». (Brochura de apresentação do curso de estudos especializados de Comunicação Educacional Multimédia da ESE de

Santarém, 1989, pág. 4; *in* Actas do I Congresso da Educação Pluridimensional e da Escola Cultural, AEPEC, Universidade de Évora, setembro de 1990, pág. 181)

«A tecnologia é só uma ferramenta. No que se refere a motivar as crianças e conseguir que trabalhem juntas, um professor é o recurso mais importante». (Bill Gates, Microsoft)

«Trocara toda a minha tecnologia por uma tarde ao lado de Sócrates». (Steve Jobs, Apple)

Em clara crítica ao fundamentalismo tecno-tecnológico e ao perigo de desvirtuamento do humano e das coisas mais importantes da vida, Jobs:

«Tecnologia não é nada. O que importa é ter fé nas pessoas» (Steve Jobs, Apple)

Donde, Jobs acreditar que o espírito humano deveria/deve prevalecer sobre a tecnologia.

Mais: «O perigo de verdade não é que computadores passem a pensar como humanos, mas sim que humanos passem a pensar como computadores». (Steve Jobs, Apple)

«A tecnologia não só move o mundo, como atrofia as mentes, «esgo[s]tado» [no sentido de cansaço e exaustão], exaurindo, até virar obsoleto». (Pedro Luiz P. da Silva)

«Para acompanhar o mundo de 2050, você precisará apenas inventar novas ideias e produtos, mas, acima de tudo, se reinventar continuamente [com “upgrades” da velhinha e ancestral ferramenta tecnológica humana, o cérebro humano]». (Yuval Noah Harari)

Disse.

Professor do Agrupamento de Escolas n.º 1 de Beja.

O autor escreve sem aplicação do novo Acordo Ortográfico.

Carlos Calixto